
FORMAÇÃO LINGÜÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ATUAÇÃO NO PIBID-UFSCAR

Dra. Luzmara Curcino ☎ 0000-0003-3555-1446
Ana Cláudia Giglioti Françoso ☎ 0000-0002-9260-8640
Ana Cláudia Pasion Cardinal
Caroline Postali ☎ 0000-0003-0601-7834
João Aparecido Pagnoca Chinez ☎ 0000-0003-2256-3712
Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: Seguindo os princípios interdisciplinar e colaborativo assumidos pelo projeto do PIBID-UFSCar, intitulado “Parceria colaborativa entre universidade e escola: contribuições para a iniciação à docência”, pudemos desenvolver uma atividade, ao longo do ano letivo de 2019, concernente à formação linguística voltada para a reflexão de aspectos próprios do funcionamento das línguas Portuguesa e Espanhola, junto a alunos dos anos iniciais de uma escola municipal de ensino básico do interior de São Paulo. A atividade consistiu na abordagem de um dos temas fundamentais para uma reflexão crítica e emancipadora sobre a língua: o princípio da “variação linguística”, e com ele o da “mudança linguística” e do “preconceito linguístico”, entre outros. Para isso, nos valemos, nos encontros com esses alunos, de uma coletânea de textos (breves) em língua portuguesa e em língua espanhola, de diferentes gêneros, nos quais se encontravam exemplos de variação linguística, tanto regional, como relativas à classe social, idade, gênero e escolaridade. Em sua leitura, problematizamos as diferentes finalidades, públicos e circunstâncias de enunciação de cada um desses textos, de maneira a expô-los a uma postura diante das línguas mais comprometida com a descrição e com a reflexão sobre os usos linguísticos variados, e menos presa à tendência “corretivista” e normativista que em geral regula a maioria das “opiniões” leigas sobre a língua e seu ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística; Ensino de Língua Portuguesa; Ensino de Língua Espanhola; Ensino de Língua(s).

LANGUAGE FORMATION IN ELEMENTARY SCHOOL: AN EXPERIENCE REPORT WITH PIBID UFSCAR

ABSTRACT: Following the interdisciplinary and collaborative principles assumed by the PIBID-UFSCar’s project entitled “Collaborative partnership between university and school: contributions to the introduction of teaching”, we were able to develop an activity concerning the linguistic formation that focused on the reflection of specific aspects of the Portuguese and Spanish languages. This activity was implemented throughout the academic year of 2019 with students from the early years of a municipal basic education school in the countryside of São Paulo. It consisted of addressing one of the fundamental themes for a critical and emancipating reflection on the language: the principle of “linguistic variation” and, along with it, the “linguistic change” and the “linguistic prejudice”. Therefore, we used a collection of (brief) texts from different genres in Portuguese and Spanish during the meetings with the students. These texts were chosen because of the examples of linguistic variation both regional and related to social class, age, gender, and education that they presented. Our analyses aimed to question the different purposes, audiences and enunciation circumstances of each one of these texts so that they would have a posture committed to the description and to the reflection on the varied linguistic uses, and not to the “corrective” and normative tendency that generally regulates most of lay people’s “opinions” about the language and its teaching.

KEYWORDS: Linguistic variation; Portuguese Language Teaching; Spanish Language Teaching; Language Teaching.



1 INTRODUÇÃO

Desde a divulgação do primeiro edital do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), há mais de 10 anos, para participação dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior no Brasil, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) submeteu seu projeto institucional e, desde então, ininterruptamente, tem participado do programa¹. Dentre os cursos de licenciatura da instituição que participam do projeto PIBID/UFSCar desde o primeiro edital, o Curso de Letras contou com a participação de centenas de alunos futuros professores que puderam, com sua participação no programa, não apenas dispor da bolsa, que tornou possível para muitos se dedicar exclusivamente, pela primeira vez em suas vidas, à sua formação e a não entrarem para as fileiras da evasão dos cursos, mas também tornou possível se envolver em um projeto coletivo, de formação teórica, metodológica e prática, assim como conhecer a realidade de diferentes escolas de ensino público, nos níveis fundamental e médio, da cidade e região, travando contato com suas carências e dificuldades, bem como com suas formas de enfrentamento de desafios e seus sucessos.

Entre os princípios estabelecidos nos projetos institucionais, desde o início da participação da UFSCar no programa, a interdisciplinaridade² e a parceria colaborativa entre universidade e escola constituem seus dois pilares fundamentais. Segundo essa perspectiva, 1) estabelecemos como compromisso refletir, incorporar e encontrar meios para introduzir na cultura escolar uma postura mais interdisciplinar, de não reprodução das divisões disciplinares na abordagem de problemas complexos que exigem a concepção de fronteiras mais permeáveis, flexíveis entre os saberes de uma disciplina e outra; e 2) concebemos a escola como

¹ Para informações mais específicas, cf. Bozzini et al (2018), e o site do PIBID-UFSCar www.pibid.ufscar.br.

² Entre as abordagens desse tema, cf. Fazenda (2003).



um “campo de ação-investigação colaborativo; espaço de produção de conhecimentos e de formação de professores” (SOUSA, 2014, p. 57).

É com base nesse princípio interdisciplinar e colaborativo e nessa concepção da escola e de seus agentes que, ao longo dessa década, desenvolvemos nossas atividades do PIBID/UFSCar, e a partir da contribuição e parceria que os saberes da área de Letras poderiam promover em nossas atuações nos coletivos interdisciplinares, voltadas para a melhoria das competências de escrita e de leitura dos alunos atendidos pelo programa, sob os auspícios de uma educação linguística reflexiva e criativa.

Neste breve relato de experiência, descrevemos algumas dessas atividades que realizamos, como membros de um grupo de atuação, no primeiro semestre do ano letivo de 2019, junto à Escola Municipal de Educação Básica Professora “Dalila Galli”, no município de São Carlos, localizado no interior de São Paulo, com alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental I. Nossa equipe de atuação foi constituída de graduandos dos cursos de Letras e de Pedagogia da UFSCar, assim como dos coordenadores dessas áreas e dos professores supervisores e voluntários, docentes na escola. Em resposta a uma demanda escolar, nossa equipe elaborou e desenvolveu, ao longo do período referido, dois projetos inter-relacionados de ensino de língua com os alunos da referida turma. As atividades previstas e realizadas no âmbito destes projetos foram acompanhadas diretamente, no seu desenvolvimento nas aulas, pela professora parceira Autor3, e supervisionadas pela professora Autor2, ambas docentes desta EMEB, assim como pela coordenadora de área, Autor1, docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

De início, as atividades consistiram especialmente na consulta de demandas específicas junto aos alunos e à professora da turma que acompanhamos mais detidamente. O objetivo geral, norteador de nossa participação nas aulas dessa turma, foi o de contribuir, no âmbito dos estudos da linguagem, com a melhoria de aspectos da produção escrita e da leitura desses alunos. Para a definição mais



específica de nossa participação, pudemos acompanhar várias aulas da professora regente, de modo a nos familiarizarmos com os alunos, com seu ritmo de trabalho, com suas expectativas e suas especificidades. Conversamos longamente, nós, a professora responsável por essa turma, nossa supervisora e nossa coordenadora, quando então estabelecemos como tema transversal, de forma interdisciplinar, a ser abordado com os alunos daquela turma, a “variação linguística”, fenômeno inerente a toda e qualquer língua, e que abarca uma série de outras discussões fundamentais para compreender melhor a língua, suas funções, seus usos, e os julgamentos que recaem sobre estes últimos.

Para explorarmos esse aspecto fundamental das línguas humanas, e para atendermos paralelamente a uma demanda específica dos alunos relativa à introdução de alguns conhecimentos básicos em língua estrangeira³, formulamos e desenvolvemos dois projetos simultaneamente e cujas discussões eram frequentemente articuladas, intitulados “As variações linguísticas do português brasileiro” e “Introdução do ensino de espanhol no Ensino Fundamental I”. Assim, realizávamos encontros alternados, destinados à reflexão sobre a variação linguística em língua portuguesa e à apresentação de algumas estruturas linguísticas em língua espanhola, e de sua variação, sobretudo lexical, conforme seus diversos usos nos países da América do Sul em que se fala essa língua.

Assim, desenvolvemos simultaneamente atividades que contemplavam: 1) a reflexão sobre a variação linguística nos usos dos falantes de Língua Portuguesa⁴, e a avaliação do senso comum que em geral essa variação encontra entre nós, e que é fonte de reprodução de uma série de preconceitos linguísticos, bastante difundidos

³ Essa demanda adveio do contato dos alunos da escola com os discentes do Curso de Letras, que, em função de sua dupla habilitação Português/Espanhol, também podem atuar no ensino de língua estrangeira. Assim, quando souberam que parte de nossa equipe, alguns discentes e a supervisora, era proficiente em espanhol, se mostraram muito interessados e curiosos em aprender um pouco dessa língua estrangeira. Nossa equipe, então, buscou conciliar a temática da variação linguística, com o trabalho com textos em língua portuguesa e em língua espanhola.

⁴ Sobre o fenômeno da variação linguística e o modo de sua interpretação sob a égide do preconceito linguístico no Brasil, cf. especialmente Marcos Bagno (1999; 2009); Marli Quadros-Leite (2008) e Dante Lucchesi (2015), três reconhecidos sociolinguistas brasileiros, especialistas no tema.



em sociedades desiguais como a nossa; 2) a introdução do ensino de Língua Espanhola, como língua estrangeira, e de sua variação nos usos dos falantes de espanhol em diferentes países da América Latina⁵.

Com as atividades propostas e desenvolvidas, buscamos promover uma maior curiosidade, por parte dos alunos, por questões relativas aos usos das línguas, contribuindo para uma educação linguística norteada pela reflexão e pela participação ativa de todos os alunos atendidos. Adotamos uma abordagem prioritariamente lúdica para apresentar as variações linguísticas, no interior da língua portuguesa, enfatizando o caráter criativo de certos usos dos falantes brasileiros e incentivando os alunos a prestarem bastante atenção ao uso cotidiano e familiar de certas estruturas linguísticas caracteristicamente em relação de variação com outras. Simultaneamente, na apresentação de uma série de estruturas básicas conversacionais do espanhol, também enfatizamos a presença das variações léxico-culturais do espanhol falado em diferentes países na América Latina, como a variação no uso dos pronomes de tratamento.

Tanto a orientação de observação da variação linguística interna ao português, quanto da apresentação da variação de certos usos do espanhol, de um país a outro, contribuíram, como descreveremos melhor a seguir, para introduzir essa compreensão mais histórica, filosófica e reflexiva sobre os usos linguísticos, como também contribuíram para promover uma melhor compreensão desse aspecto próprio do funcionamento de toda e qualquer língua humana, a “variação linguística”, que deve ser conhecido pelos alunos não como um ‘defeito’ das línguas, mas como um elemento constitutivo e essencial de seu funcionamento e uso pelos falantes.

Com a promoção consequente dessa reflexão, eles podem lançar um olhar sobre os usos linguísticos, de modo geral, e aqueles de que eles se valem em sua comunicação, menos afetado pelo bombardeamento de preconceitos do senso comum que circulam ampla e sistematicamente entre nós, inclusive, no espaço

⁵ A respeito da variação linguística nos diferentes usos do espanhol na América Latina, cf. Coan & Oliveira Pontes (2013).



escolar, e que dificultam o aprendizado da língua, de seu funcionamento e usos na escrita e na leitura, ao estabelecerem hierarquias e exclusões dos usos linguísticos já dominados pelos alunos, que podem não coincidir com aqueles que a escola prioriza⁶.

Além da reflexão sobre esse fenômeno da variação na língua portuguesa, trabalhamos concomitantemente, como dissemos, o interesse demonstrado pelos alunos pelo aprendizado de uma segunda língua, o espanhol. Nossa abordagem inicial foi a de explorar com eles uma série de relações de semelhança e de diferença entre essas línguas, o português e o espanhol, e enfatizar que elas tiveram uma origem comum, derivada e inscrita em um processo histórico de longa duração que consistiu de início na “variação” interna de uma língua, o latim, para em seguida se configurar em “mudança”⁷ dessa língua para aquelas que dela derivariam, e entre elas o português e o espanhol.

Ainda com o objetivo de fomentarmos a curiosidade e o interesse pelo estudo do funcionamento da(s) língua(s), a partir de um ponto de vista que privilegie a observação, a descrição e a reflexão, e não o julgamento, a prescrição e a exploração do caráter meramente normativo do ensino de línguas, articulamos as informações relativas ao português e ao espanhol com aspectos da cultura, ou seja, dos costumes, das festas, dos hábitos de seus povos e falantes dessas línguas.

Por se tratar de alunos de séries iniciais, adotamos uma abordagem lúdica, nos valendo de materiais pedagógicos diversos, condizentes com sua maturidade intelectual. Foram apresentados textos variados sob a forma de quadrinhos, ilustrações, músicas, vídeos de animação e jogos didáticos elaborados para esse fim. Tais gêneros discursivos, em sua maioria, compõem o rol daqueles com os quais os alunos dessa faixa etária já travaram algum contato, de modo que foi

⁶ A respeito do “choque” cultural, e sobretudo “linguístico” que nos anos 70 e 80 no Brasil, no processo de ampliação do acesso à escola, se deu entre professores e alunos falantes de normas distintas, cf. Magda Soares (1996).

⁷ Sobre a “mudança” linguística, há uma série de importantes pesquisas históricas. Concernentes ao português brasileiro cf. Mattos e Silva (2008).



possível explorar, a partir desses gêneros, os diferentes usos linguísticos do português e do espanhol neles representados, e estimular a participação ativa dos alunos nessas atividades, promovendo a interlocução constante entre todos os participantes.

Enfatizamos, na leitura desses textos, que os diferentes usos linguísticos mobilizados pelos falantes se relacionam diretamente com os objetivos específicos de comunicação e de interlocução dos envolvidos e em conformidade com os diferentes gêneros discursivos e suas potencialidades. Essa ênfase foi fundamental justamente para evidenciar que a variação linguística é um dos recursos de que se valem os falantes, em conformidade com as diferentes situações de interlocução, os diferentes sujeitos que dela participam, os vários objetivos com que se dirigem aos outros e produzem seus textos, orais ou escritos. Assim compreendida a variação linguística, como um dos meios possíveis para garantir um dos objetivos basilares dos falantes na interlocução, oral ou escrita, ou seja, o sucesso na comunicação, inviabiliza-se, com isso, a base de sustentação dos “preconceitos linguísticos” que são atualizados frequentemente em nossa sociedade, reproduzimos até mesmo por aqueles que deles são vítimas.

2 POR QUE ABORDAR E O QUE DIZER DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Embora esse tema da “variação linguística” possa parecer uma discussão de início desnecessária ou inacessível aos alunos do Ensino Fundamental I, tendo em vista sua pouca idade, sua menor maturidade intelectual para discussões que se acredita serem mais apropriadas na idade adulta, a decisão de abordar o tema, a condução das atividades e a recepção dessa discussão nos mostrou o caráter promissor de se enfrentar precocemente a discussão de tema, até como forma de blindar psicologicamente esses alunos dos impactos do “preconceito linguístico” a que estão suscetíveis desde cedo. Os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I com que trabalhamos se mostraram muito interessados e curiosos, desde o início da



apresentação do tema, de modo que nos estendemos mais do que havíamos previsto inicialmente, nas atividades de apresentação, exemplificação e leitura de textos diversos sobre esse tema. O tema rendeu uma série de outros temas conexos e exigiu um recuo e panorama históricos que muito interessaram os alunos.

O tema da “variação linguística” deu ensejo à discussão não apenas das variedades linguísticas do português (europeu, africano e brasileiro), da variação interna do português brasileiro (falares regionais, diferenças por faixa etária ou por grau de escolarização), como também à discussão da existência das diversas línguas em uso no Brasil, distintas do português. Desse modo, exploramos também o tema da diversidade linguística no país, no que diz respeito às línguas indígenas ainda faladas no território brasileiro.

Adotando uma postura descritiva e não avaliativa dos usos linguísticos, destacando a complexidade inerente das línguas e, por isso, da língua portuguesa falada no Brasil, apresentamos aos alunos a importância de se valorizar as diferenças nos modos como empregamos a língua, na forma como a modificamos, entendendo essas diferenças não como “defeitos”, “erros” ou “riscos” para a língua, mas como indícios da riqueza e vivacidade de nossa língua e da criatividade de nossos falantes.

Convictos de que cabe à escola converter o olhar simplista, acostumado ao senso comum sobre a língua, e muitas vezes preconceituoso que, em geral, se lança sobre certos usos linguísticos, que a entende como uma estrutura inerte, como uma estrutura padronizada e que não varia, que deve permanecer a mesma ao longo do tempo, e segundo o qual toda variação em relação a essa norma idealizada e, distinta em grande medida dos usos que os falantes comuns fazem dela no dia a dia, seria, segundo essa concepção, um uso inadequado, equivocado e a ser corrigido e evitado, multiplicamos, em nossos encontros com os alunos, os exemplos da riqueza desses usos variados da língua, nos valendo de textos breves, leves, humorísticos de gêneros relativamente mais conhecidos e mais direcionados à faixa



etária dos alunos atendidos, com diferentes objetivos e personagens, representando situações diversas de interlocução.

Imbuídos desse princípio de contribuir para a conversão do olhar de senso comum para um olhar mais especulativo, estimulamos os alunos quanto ao desenvolvimento de uma maior curiosidade linguística, cujo princípio deve ser o de sempre se perguntar: por que cada estrutura da língua, cada uso específico, é como é? por que são variados os usos da língua? Por que falantes de grupos sociais distintos empregam maneiras de se expressar também distintas? Por que algumas dessas maneiras são avaliadas positivamente e outras não? Também refletimos com eles como em geral, esse olhar próprio do senso comum se fundamenta na lógica do ‘certo’ e do ‘errado’, e demonstramos como esse modo de julgar negativa ou positivamente os usos linguísticos de certos falantes em relação a outros não leva em consideração o que é enunciado, a eficácia do que se disse, mas sim quem enuncia. O julgamento não é precisa e exclusivamente linguístico. Ele é antes de tudo, prioritariamente, um julgamento social, de classes.

Tal como observa Bagno (2009; 2015), o preconceito que recai sobre certos usos da língua, tem menos a ver com a forma linguística e muito mais com quem são seus falantes. O preconceito se dirige em geral incisivamente sobre os usos das classes mais humildes e marginalizadas de nossa sociedade. O preconceito linguístico é também ele um preconceito socioeconômico. Não sem razão, o autor distingue a norma dita “padrão” – que segundo ele equivale ao modelo idealizado da língua, prescrito pela tradição gramatical normativa e que não corresponde a nenhuma variedade falada autêntica, nem de escrita monitorada – de outros conjuntos de normas, de um lado, o das

[...] variedades prestigiadas, faladas pelos cidadãos de maior poder aquisitivo, de maior nível de escolarização e de maior prestígio sociocultural, e o conjunto das variedades estigmatizadas, faladas pela imensa maioria da nossa população [...] mais pobres, com menor acesso à escolarização de qualidade, desprovidos de muitos de seus direitos elementares (BAGNO, 2015, p. 12-13).



Os julgamentos que em geral são feitos da maneira como os falantes empregam a língua e que as concebem como sendo mais ou menos corretas e adequadas não dizem respeito, portanto, a uma propriedade específica da língua, mas simplesmente respondem ao valor social que se atribui aos indivíduos, em função das classes socioeconômicas a que pertencem. Os julgamentos acerca da língua revelam, portanto, a força do preconceito, de modo geral, e do preconceito linguístico, de modo específico.

Nossos esforços nessas aulas, e junto a esse público escolar, visaram demonstrar que a variação linguística não é um problema, uma anomalia ou um defeito da língua. Tampouco corresponde a um risco para a sua existência e permanência. Por essa razão, recorremos ainda que brevemente, a aspectos da história das línguas e como essa história é sempre marcada por encontros linguísticos, e muitas vezes por glotocídios, ou seja, pelo ‘assassinato’ de línguas como consequência da imposição violenta da língua do dominante sobre a língua dos dominados. Revisitamos a história da invasão e do domínio português no Brasil, de seu confronto com os povos indígenas que aqui viviam, e que eram falantes de outras línguas. Muitas de suas línguas foram extintas seja porque os falantes foram obrigados a falar português, seja porque os mesmos foram dizimados.

Ao remontarmos a essa história de contato entre povos, e por isso de contato entre línguas diferentes, também explicamos que esse contato pode gerar uma relação de “empréstimos linguísticos”, que contribuem para o processo de enriquecimento de uma língua, de enriquecimento da variação e eventualmente da mudança linguística, ao longo do tempo. As línguas mudam e isso não é um problema, antes o contrário: isso faz parte da vida das línguas, das línguas vivas, faladas e, por isso, constantemente afetadas, alteradas, expandidas por seus falantes, tendo em vista seus usos e necessidades, seus encontros, suas descobertas, e por vezes seus infortúnios.



Com base nesse panorama histórico que revisitamos com eles, conduzimos uma reflexão com os alunos sobre a incoerência, portanto, da desvalorização de certas línguas em benefício de outras e de certos modos como alguns falantes usam a língua em relação a outros, e o equívoco que muitos cometem ao julgar os falantes pela norma linguística que empregam, ou ao julgar a norma em função de seus falantes. Esse julgamento se fundamenta quase sempre no puro preconceito linguístico, e não em uma visão lúcida, democrática e científica sobre a língua.

Com base na afirmação de Bagno (2015), de que a norma padrão do português brasileiro não equivale à “língua portuguesa”, em si, mas sim a uma sua idealização, discutimos insistentemente com eles a respeito dessa “confusão” que comumente se faz entre a língua portuguesa e uma de suas normas, ou seja, a norma dita “padrão”. Além de ser esta uma norma idealizada, e não corresponder aos usos efetivos de nenhum falante, mesmo dos mais escolarizados, insistimos no fato de que essa ideia que faz com que confundamos a língua que falamos, em todas suas variedades, com essa norma prescrita em gramáticas normativas antigas é resultado do poder que uma classe e algumas instituições dispõem para firmar seus valores junto às demais camadas sociais, e com isso fornecerem uma imagem de si equivalente ao que seria o ideal, o que justificaria sua dominação sobre as outras classes. Segundo essa lógica, os grupos de maior prestígio político, econômico e social impõem, como se fosse um fenômeno natural, a chamada “norma padrão” como sendo “a língua portuguesa”. Na verdade, trata-se de uma convenção sustentada por uma série de práticas e de instituições que zelam pelo prestígio simbólico e cultural de alguns poucos grupos privilegiados, impondo aos outros seus usos da língua como se fossem os únicos usos adequados.

A partir dessa discussão inicial sobre a história das línguas, de como elas se encontram, se afetam, se misturam, se formam distintas umas das outras e de como internamente, em sua variedade de usos, se estabelecem hierarquias linguísticas sustentadas em uma visão pobre e preconceituosa da “variação”, não reconhecida como propriedade inerente a toda e qualquer língua e como princípio fundamental



responsável pelo processo, também ele próprio e inevitável de toda e qualquer língua, de estabelecimento da “mudança” responsável pela criação de novas línguas, iniciamos mais propriamente os encontros para apresentar as estruturas básicas conversacionais do espanhol, como língua estrangeira.

De início, nosso intuito foi o de apresentar, de forma introdutória, as similaridades entre o espanhol falado nos países da América Latina e o português brasileiro, traçando um panorama comparativo entre essas línguas e possibilitando explorar aspectos culturais dos falantes hispano-americanos. Já com relação às diferenças culturais entre os povos que têm o espanhol como língua materna, trabalhamos com exemplos do México e de alguns países da América do Sul, convertendo nossos encontros numa espécie de "viagem" cultural pela América Latina.

3 DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ÀS DIFERENTES LÍNGUAS: ABORDAR O TEMA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Tanto os encontros nas aulas de Língua Portuguesa quanto os encontros para ensino de Língua Espanhola tiveram como objetivo contribuir para a formação linguística desses alunos. A abordagem adotada sempre esteve atenta à forma de exposição dos conteúdos em sala, tendo em vista o público para o qual se destinavam. Isso fez com que adotássemos uma postura mais lúdica, selecionando materiais que pudessem convocar a atenção dos alunos tais como quadrinhos, ilustrações, músicas, vídeos e jogos, e no trabalho com esses materiais explorar a curiosidade e a criatividade dos alunos. Em todos os encontros, foram utilizadas apresentações em Powerpoint com textos ilustrados e recursos sonoros, assim como materiais impressos equivalentes. Também foi mantido um ritmo de exposição que permitisse a interlocução constante com os alunos, tanto induzida por nós quanto espontânea.

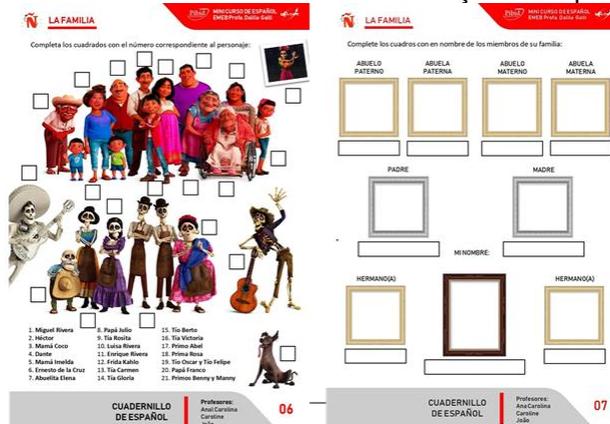


Figura 01: Educação linguística e a compreensão da Variação, Mudança e Preconceito linguísticos



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 2: Exemplos de exercícios dos encontros de Introdução ao espanhol / língua e cultura



Fonte: Elaborado pelos autores.



Figura 3: Máscaras Festivas produzidas com os alunos



Fonte: Elaborado pelos autores.

Além de alguns exemplos de slides utilizados nos encontros e da fotografia da exposição de máscaras festivas que realizamos, nos valem de uma série de vídeos que exemplificassem a diversidade linguística do território brasileiro, ou seja, a presença das diversas línguas indígenas ainda sobreviventes no Brasil, as heranças linguísticas que delas nos foram legadas. Para isso, entre outros materiais, exibimos o vídeo da Campanha de Valorização das Culturas dos Povos Indígenas⁸. Aproveitamos o episódio para trazer alguns exemplos de “empréstimo linguístico” provenientes de línguas indígenas.

A partir dessa discussão de viés mais histórico, sobre as diferentes línguas faladas no Brasil, introduzimos a discussão das diferenças linguísticas do português, seja do português europeu em relação ao português brasileiro, seja no interior do português brasileiro, advindas da variação histórica, regional e social, das normas especiais, como aquelas do jargão técnico, das gírias ou da linguagem da internet. Utilizamos diversos vídeos para demonstrar as especificidades da variedade linguística do português brasileiro, tais como a reportagem do Domingo Espetacular,

⁸ BRASIL, Ministério da Educação. CAMPANHA de Valorização das Culturas dos Povos Indígena. Produção: Grupo de Trabalho para as Culturas Indígenas – GT; Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC). Brasil: Governo Federal, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hc1469NV9Tg>. Acesso em: 7 out. 2020.



Achamos no Brasil: conheça a cidade que se orgulha de falar ‘caipirês’⁹, e a reportagem feita pelo Jornal Hoje, Sotaques do Brasil mostram os jeitos diferentes de falar brasileiro¹⁰. Ademais, o conteúdo explorado nessas atividades foi relacionado com aquele previsto no livro didático utilizado pela professora nas aulas de Língua Portuguesa, com essa turma. Outra atividade que realizamos no quadro de exploração deste tema foi a proposta de um jogo, que consistia na adivinhação, por parte dos alunos, de como certo objeto, animal ou comida era nomeado em outras regiões do país. Foi com base nesse tipo de exemplo de variação linguística, que introduzimos a discussão sobre o “preconceito linguístico”, suas origens, seu equívoco e como este pode ser evitado.

Realizamos em paralelo, com base nessa discussão das diferenças linguísticas, das diferentes línguas, das diferentes normas no interior de uma mesma língua, os encontros para introdução do espanhol. Apresentamos, inicialmente, aos alunos a origem latina da Língua Espanhola, valendo-nos de mapas e dados históricos que permitissem demonstrar esse processo de migração e imposição da língua dos dominantes sobre os povos dominados e de glotocídio de suas línguas de origem. Apresentamos, com o mapa, todos os países que, na América Latina, têm o espanhol como língua oficial. Em seguida, foram exibidos o alfabeto e os sons diferentes dessa língua em relação aos sons do português. Isso foi feito, com a motivação constante dos alunos para que repetissem algumas palavras que apresentamos, fazendo com que eles tivessem um primeiro contato com a pronúncia de cada uma delas.

Iniciamos, ensinando a forma de apresentação pessoal em espanhol, explicando como essa parte da comunicação funciona e como os nomes e sobrenomes se organizam nessa língua. Todo o material dessa atividade inicial de

⁹ DOMINGO Espetacular. **Achamos no Brasil**: conheça a cidade que se orgulha de falar "caipirês". 21 fev. 2016. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/videos/achamos-no-brasil-conheca-a-cidade-que-se-orgulha-de-falar-caipires-14092018>. Acesso em: 1 abr. 2019.

¹⁰ JORNAL Hoje. **Sotaques do Brasil mostra os jeitos diferentes de falar brasileiro**. 15 jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HwHfkuRCflc&=&t=3s>. Acesso em: 1 abr. 2019.



estudo do espanhol foi confeccionado em folhas impressas e distribuído para os alunos. Na sequência dos encontros, apresentamos os dias da semana em espanhol, explicando o porquê de seus nomes serem relacionados aos deuses da mitologia greco-romana. Também ensinamos as estações do ano e os numerais. Para isso, produzimos um jogo, que dependia da capacidade dos alunos de relacionar os nomes dos dias, das estações e dos numerais em espanhol com os do português, intuitiva e comparativamente por meio da percepção de semelhança sonora e escrita dessas designações em português e em espanhol. Depois disso, apresentamos os feriados e as festividades. Para isso, exibimos o filme de animação mexicano *Viva: a vida é uma festa*. A partir da temática do filme, que conta a história do valor da tradição para uma família do México, abordamos com eles as designações dos membros familiares em espanhol. Com isso, fizemos uma árvore genealógica dos personagens e pedimos para que os alunos também fizessem as suas próprias.

4 O QUE ESPERAMOS QUE TER CONSTRUÍDO COM ESSES ALUNOS

As discussões e atividades relativas aos fenômenos da “variação linguística”, de sua relação com a “mudança linguística”, ou seja, com a história de formação das línguas, assim como com o “preconceito linguístico”, muito provavelmente deixaram suas marcas e algumas inquietações nesses alunos, que responderam às atividades demonstrando seu grande interesse, curiosidade e participação ativa ao longo das aulas. Tal participação era expressa a partir de relatos sobre a variação linguística que identificavam ocorrer na fala de seus familiares, o que proporcionou uma reflexão conjunta da turma sobre o conteúdo, mas também sinalizada por sua postura empática e questionadora, sobretudo em relação ao preconceito linguístico, que foi motivo de muita conversa nas aulas. Da contextualização histórica da origem comum das línguas portuguesa e espanhola, do glotocídio das línguas indígenas na América, da relação entre as línguas e as culturas dos povos falantes de português



e de espanhol, dos exemplos de variações linguísticas em usos da língua por personagens infantis de quadrinhos e de filmes de sucesso sobre o Brasil e o México, a relatos jornalísticos da riqueza de nossos falares no Brasil, aliados à memória de situações de preconceito no dia a dia vivenciadas por esses alunos e por seus familiares, observamos, ao longo dos encontros, as mudanças de suas posturas, a multiplicação de suas questões, o interesse e curiosidade pelo tema.

Eles também se mostraram bastante desinibidos na reprodução das estruturas linguísticas de base para estabelecer situações de comunicação em espanhol. Era sensível o seu cuidado e empenho em pronunciar corretamente as formas linguísticas que lhes foram apresentadas nesses encontros. Eles também auxiliavam uns aos outros na memorização de algumas estruturas linguísticas do espanhol. Para além do interesse pelo aprendizado desses enunciados e palavras da língua estrangeira, eles também se mostraram muito curiosos com os diferentes hábitos culturais, que de uma região para outra da América Latina, variavam bastante.

Essa experiência docente, sob a supervisão e acompanhamento de docentes experientes, nos permitiu i) rever discussões que havíamos estudado nas aulas da graduação, ii) refletir coletivamente sobre a forma de adequação dessas reflexões junto ao público do Ensino Fundamental I, iii) levantar e formular materiais didáticos que nos auxiliassem na condução da discussão ao longo dos encontros, iv) observar as diferentes recepções, os diferentes tempos de compreensão e de adesão ao projeto por parte dos alunos, v) garantir situações de maior espontaneidade na discussão sobre as relações entre línguas e culturas, tal como nas conversas que tínhamos enquanto produzíamos as máscaras ornamentais de caveiras coloridas da “Festa dos Mortos” no México.

As atividades e as reações dos alunos nos levam a crer que obtivemos sucesso ao apresentar uma visão menos purista e prescritivista das línguas e que, em geral, funciona com base na distinção simplista do que é certo e errado. A curiosidade demonstrada nesses encontros pelos alunos e os exemplos constantes



que traziam do que ouviam em casa demonstram o aguçamento de seu senso analítico quanto aos fenômenos linguísticos.

Fomos guiados, em nossas discussões desse tema, na condução metodológica que adotamos, pelo princípio de que a escola deve ser um ambiente acolhedor, no qual se promova o pensamento crítico e a capacidade de expressão de sujeitos sem traumas ou entraves que os impeçam de se fazer ouvir e de ouvir sem preconceitos, capazes de refletir sobre sua situação social, sobre aquilo que os emancipa e os oprime, sobre suas escolhas e posicionamentos como cidadãos, tal como preconizado por Paulo Freire (2002), de que o “educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2002, p. 13).

Para atuarmos como educadores democráticos e capazes de cumprir a tarefa tal como definida por Freire (2002), como professores de língua materna e estrangeira devemos promover uma educação linguística comprometida com o esclarecimento acerca da história e dos processos de formação e mudança das línguas, de seus fenômenos internos próprios e em comum, como o da variação linguística, das causas que em geral estão na origem dos preconceitos linguísticos, de modo a fomentar uma postura menos intimidada ou intimidante em relação às diferentes situações de uso da língua, que exigem diferentes posturas de seus falantes. No intuito de garantirmos que todos possam falar e ser ouvidos e respeitados, insistimos com nossos alunos nesses encontros sobre a realidade da variação e do preconceito, e por isso sobre a importância de cada um ser capaz de aprender e de mobilizar diferentes normas linguísticas, e entre elas as normas de prestígio sociocultural, tais como a norma culta, idealizada e formalmente institucionalizada em uma série de instrumentos linguísticos (gramáticas, dicionários, livros didáticos). Dominar os meios pelos quais se pode ser estigmatizado em uma sociedade desigual como a nossa é uma das formas de combater esses estigmas. Por isso entendemos ser fundamental apresentar em nossas aulas as normas linguísticas de prestígio, desde que subsidiadas por essa reflexão linguística



fundamentada filosófica, científica e historicamente, e assim o fizemos, conforme esse entendimento, em nossos encontros destinados à discussão desse tema da variação linguística, com a produção e leitura de textos diversos.

6 ALGUMAS OUTRAS CONSIDERAÇÕES MAIS GERAIS

O ensino de línguas, tanto materna quanto estrangeira, não pode se furtar de discutir princípios em comum a todas as línguas e que são próprios de seus falantes: 1) a variação e a mudança linguística (como fenômeno intralíngua); 2) a diversidade linguística (como fenômeno interlíngua, quando povos habitantes do mesmo espaço geográfico usam línguas distintas e algumas delas são invisibilizadas por não terem o status de língua oficial, mas que ainda assim resistem bravamente); 3) o contato linguístico (como outro fenômeno interlíngua, que permite os empréstimos, as trocas e que é fonte para a variação linguística); 4) as línguas como expressão da variedade cultural dos povos (seja a variedade interna, regional, de classe, seja a variedade externa, de um povo a outro); 5) a reflexão consistente acerca das razões de existência do preconceito linguístico e de como evitá-lo.

Considerando essas aulas, as reflexões nelas produzidas podem ter despertado o interesse dos alunos pelo estudo de línguas, seja em relação às descobertas no próprio português, como língua materna, seja em relação à aprendizagem do espanhol, como língua estrangeira, ou de outras línguas estrangeiras. Em nossos encontros, evitamos as abordagens normativistas tradicionais, presas ao ensino da mera metalinguagem e da artificialidade de certos usos linguísticos, e nos dedicamos à incitação da curiosidade crítica e da capacidade de descrição da língua em uso, tal como ela é, em sua riqueza, pluralidade e diversidade. Buscamos fomentar, nos alunos, uma postura menos refém da lógica do “certo e errado”, demonstrando-lhes que todas as normas são legítimas, contêm regras bastante complexas e fazem parte da totalidade que compõe uma língua. Enfatizamos, que esta não se reduz de modo algum à norma



dita padrão, idealizada, e que goza de prestígio na sociedade, mesmo não equivalendo a nenhuma norma autêntica e efetivamente empregada por falantes. Destacamos também que a língua também não se reduz à norma culta que corresponderia aos modos como mobilizam a língua uma dada e pequena parcela da população, mais escolarizada e de maior poder aquisitivo, já que esta corresponde a parte das normas que compõem uma língua, e é em geral confundida com a norma padrão, idealizada, e apresentada como sendo “a língua” ou “a forma correta de uso da língua”, não por suas propriedades linguísticas, mas pelo poder socioeconômico e institucional de seus usuários.

Quanto ao aprendizado relativo à nossa formação como futuros professores, partindo da premissa de que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2002, p. 38), acreditamos ter cumprido a contento nosso papel ao longo desses encontros. Aprendemos a trabalhar coletivamente, a adaptar nossas ações diante das questões e demandas dos alunos e diante da releitura de teóricos sobre o tema. Aprendemos talvez a lição mais preciosa nessa etapa de nossa formação como futuros professores: a sermos aprendizes do próprio processo de atuação docente.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. [edição revista e ampliada]. São Paulo: Parábola, 2015.

BOZZINI, I. C. T. *et al.* (ORG.). **PIBID UFSCar**: uma parceria colaborativa entre universidade e escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **CAMPANHA de Valorização das Culturas dos Povos Indígena**. Produção: Grupo de Trabalho para as Culturas Indígenas – GT;



Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC). Brasil: Governo Federal, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hc1469NV9Tg>. Acesso em: 7 out. 2020.

COAN, M.; OLIVEIRA PONTES, V. Variedades linguísticas e ensino de espanhol no Brasil. **Trama**, [S.l.], v. 9, n. 18, p. 179-191, jun. 2013. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/8252/6079>. Acesso em: 24 out. 2020.

DOMINGO Espetacular. **Achamos no Brasil**: conheça a cidade que se orgulha de falar "caipirês". 21 fev. 2016. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/videos/achamos-no-brasil-conheca-a-cidade-que-se-orgulha-de-falar-caipires-14092018>. Acesso em: 1 abr. 2019.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003, 85p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1995.

JORNAL HOJE. **Sotaques do Brasil mostra os jeitos diferentes de falar brasileiro**. 15 jul. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HwHfkuRCflc&=&t=3s>. Acesso em: 1 abr. 2019.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva, 2005.

LUCCHESI, D. **Língua e Sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, R. V. M. e. Teorias da mudança lingüística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s). **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, v. 3, p. 39-53, 2008. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6874.pdf>. Acesso: 20 out. 2020.

QUADROS-LEITE, M. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, M. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Editora Ática, 1996.



SOUSA, M. C. Práticas interdisciplinares no PIBID-UFSCar: contribuições para a formação docente. *In: Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores. Ebook XVII ENDIPE. 2014, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: EdUECE, 2014.*

SOUZA, C. R. S. E.; FERREIRA, K. Q. O papel social da escola. **Disciplinarum Scientia. Série Ciências Sociais e Humanas**, v. 5, p. 167-177, 2007.

VIVA: A VIDA É UMA FESTA. Direção de Adrian Molina e Lee Unkrich. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2017. DVD (109 min.).

Recebido em: 30-10-2020

Aprovado em: 30-11-2021

